

AGENDA-SETTING NA EDUCAÇÃO: A COBERTURA MIDIÁTICA SOBRE VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS NAS ESCOLAS

AGENDA-SETTING IN EDUCATION: MEDIA COVERAGE ON HUMAN RIGHTS VIOLATION IN SCHOOLS

Thiago José da Silva

Universidade Guarulhos, Guarulhos, SP, Brasil. E-mail: thiagojs071@gmail.com

Silvia Piedade de Moraes

Universidade Guarulhos, Guarulhos, SP, Brasil. E-mail: silviapmoraes@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v2i3.92>

Recebido em: 12.03.2021

Aceito em: 30.03.2021

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivos desvelar os tipos de violações dos Direitos Humanos tratados pela mídia, sua abordagem e como essas violências são pautadas dentro da educação escolar e conhecer a linguagem na qual são noticiadas. Trata-se de estudo qualitativo e documental que visa conhecer a agenda midiática sobre o assunto para compreender sua pauta, linguagem e enfoque. Foram coletados 43 notícias de abril de janeiro de 2019 a janeiro de 2020 em três mídias de abrangência nacional - site UOL, Jornal O Globo (on-line) e Revista Veja (on-line) organizados em sete categorias para análise de conteúdo. Ao longo da pesquisa procurou-se responder quais os tipos de violação dos Direitos Humanos ocorrem em relação à educação escolar, como são noticiados e como essa ferramenta pode ser aplicada na formação do saber em sala de aula. Concluiu-se que as contribuições dessa pesquisa estão ligadas em três pontos muito importantes, tais como: desvelar e caracterizar como a mídia pauta as violências expressadas nas escolas, como ela pode ser uma influência direta na formação de professores, alunos e toda a comunidade escolar acerca das violências, dar uma demonstração real através da verificabilidade dos fatos constatados pelas mídias e como essa ferramenta pode servir de subsídio para denunciar, educar e conscientizar sobre as demandas opressivas recorrentes nas escolas.

Palavras-chave: Agenda-setting; Violação de Direitos Humanos; Educação escolar; Mídias.

Abstract: *This research aimed to expose the different types of human rights violations addressed by the media, their approach, how these types of violence are addressed in the area of school education and to know the language in which violence is reported. This is a qualitative and documentary study that aims to understand the media agenda on the subject in order to understand its agenda, language and focus. Forty-three news items were collected from April 2019 to January 2020 in three digital media that operate nationwide - UOL website, O Globo Journal (online) and Veja Magazine (online) organized into seven categories for analysis of content. Throughout the research, we sought to answer which types of human rights violations occur in relation to school education, how they are reported and how this tool can be used in the formation of knowledge in the classroom. It was concluded that the contributions of this research are related to three points of great relevance, namely: unveiling and characterizing how the media guides the violence that occurs in schools, how it can be a direct influence on the training of teachers, students and all the school community about violence, provide a real demonstration through the verifiability of the facts found by the media and how this tool can serve to subsidize*



complaints, educate and raise awareness about the recurrent oppressive demands in schools.

Keywords: *Agenda-setting; Human Rights Violation; Schooling; Media.*

1 Introdução

Tem se tornado cada vez mais frequentes violações de Direitos Humanos dentro do ambiente escolar. A escola, ambiente rico em diversidade, identidades e diferenças, tem desde a Constituição Federal de 1988 o compromisso de executar sua função social com a disseminação do conhecimento, mas também preparar para vida social e o mundo do trabalho tendo como princípio a ordem democrática.

No entanto, tem sido comum que nesse mesmo ambiente onde educar está em sentido amplo, pois envolve aprender conceitos a partir de princípios éticos, estéticos e políticos, é o mesmo que falha no trabalho com a construção da formação das atitudes e valores.

Mesmo que a atuação da escola nesse sentido seja complementar (de acordo com as leis) à da família, há princípios para sua atuação, e enquanto instituição regulada pelo Estado pautada na ética, na democracia, na livre convivência, no pensar, na valorização da estética e sensibilidade, da liberdade de aprender e ensinar mostra um cenário nefasto tornando-se corriqueira a violação de Direitos Humanos em seu interior.

A violência é, sem dúvida, muito diferente da indisciplina que ocorre na escola (MAIA e COSTA, 2013). No entanto, mesmo que ambas necessitem de saídas pedagógicas, a violência é sem dúvida algo que deixa marcas profundas no lugar e seus sujeitos.

Certamente a violência não é um fenômeno social recente. No entanto, é possível afirmar que suas manifestações se multiplicam, assim como os atores envolvidos. [...] Em geral, se oscila entre dois extremos: a redução dos comportamentos violentos àqueles referidos à criminalidade ou à agressão física de maior ou menor gravidade, e a ampliação da abrangência do conceito de tal modo que toda manifestação de agressividade, conflito ou indisciplina é considerada violência (CANDAU, 2000, p. 139-140).

Casos emblemáticos são noticiados todos os dias na mídia, mas mostram apenas o estopim ou ainda a cena trágica da violação de direitos ocorrida (CUNHA, 2019). Embora tenha muito espaço nos programas televisivos, os casos tendem a ser uma repetição de canal para outro, dando visibilidade para alguns e omitindo e invisibilizando outros. Isso é preocupante porque apenas tende a alarmar um ou dois tipos recorrentes de violação de direitos e de forma tendenciosa passa a omitir outros. Uma das conjecturas possíveis é pensar se canais televisivos hoje pertencentes a grupos religiosos noticiariam os casos que circularam pelo *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, com *notícias* sobre ocorrências de violação de direitos envolvendo cultura afro-brasileira ou de religiões de matrizes africanas.

De acordo com Moraes (2020) o jornalismo também se enredou da ideia Iluminista de que somos todos iguais. No entanto, em outro cenário, os tempos exigem mostrar as diferenças e desigualdades. Nos dias de hoje o pilar da igualdade pode ser considerada uma perspectiva neoliberal, já que escamoteiam barreiras culturais, jurídicas, informacionais e outros que

poderiam assegurar o acesso aos direitos iguais.

Há um vácuo prático-epistemológico no jornalismo brasileiro: nele repousam tocadas apenas superficialmente questões pertinentes a raça, classe, gênero, geografias. Assuntos-chave das relações sociais que foram historicamente tratados apenas como temas, quase como “personagens”, com a imprensa e tantas vezes academia servindo antes de veículos de divulgação, mas pouco implicando a si mesma como partícipe. Assim, mantiveram-se distantes do exercício de realizar, por si, movimentos capazes de estabelecer uma nova ordem discursiva nessa área de conhecimento, algo urgente em um Brasil no qual expressivas fatias populacionais continuam sendo desconvidadas a surgir de maneira íntegra (MORAES, 2020, p. 65).

Na pesquisa de Moraes (2020) o jornalismo tem falhado na abordagem acerca, por exemplo, de raça e gênero. Para a pesquisadora isso é fruto de uma perspectiva colonizadora ocidental, branca e heteronormativa. Uma das ideias de neutralidade que atrapalham a adoção de uma outra perspectiva, como por exemplo, a de dar visibilidade às dissidências. De um lado há uma perspectiva hegemônica de um texto que pode neutralizar e negatizar as desigualdades geográficas, de raça, gênero e classe e de outra a perspectiva que visa dar visibilidade às pautas que são comumente marginalizadas.

Para ilustrar o fato, a pesquisadora mostra o ocorrido na *Globo News* em debate sobre racismo; primeiramente todos participantes brancos e, após crítica pública, um segundo evento com todas pessoas negras. De fato, há muitas discussões em pautas identitárias, sobretudo, se ao ser identificado como pertencente a um segmento, cabe somente esse cunho de discussão?! O debate é intenso.

[...] Tanto a intervenção proposta pela decolonialidade quanto o jornalismo de subjetividade propõem uma fissura em uma epistemologia que ainda se assenta nos paradigmas da clareza, da isenção, da neutralidade, um paradigma que hierarquiza, que tem cor, raça, gênero e que propõe uma fala que deve situar sobre todas as outras (MORAES, 2020, p. 73)

Sendo assim, a mídia como fundamentadora da opinião pública deve se reiterar diante das questões que ganham visibilidade na sociedade, salvaguardando sua linguagem e comunicação.

2 Objetivos e tipo de estudo

O que objetivamos é desvelar quais tipos de violações de Direitos Humanos têm ocorrido no ambiente escolar, conhecer paralelamente a linguagem na qual são noticiados e propor uma prática pedagógica que possa ser aplicada com alunos e em formação de professores sobre o uso de notícias em sala de aula.

Esse tipo de estudo qualitativo e documental tem como premissa seguir a mídia para compreender sua pauta, agenda, linguagem e enfoque. A estratégia coletará dados noticiados de abril de janeiro de 2019 a janeiro de 2020 em três mídias de abrangência nacional - site UOL, Jornal O Globo (on-line) e Revista Veja (on-line).

A metodologia e teoria¹ utilizada para trabalhos com textos e agendas midiáticas é a Agenda-setting (BARROS FILHO, 1996; CASTRO, 2014; BRANDI, 2016).

1 Agenda-setting pode ser considerada como teoria e metodologia, já que ao mesmo tempo em que propõe um aparato analítico, mostra passos para esses sejam desvelados (CASTRO, 2014).

É a hipótese segunda a qual a agenda temática dos meios de comunicação impõe os temas de discussão social. Em outras palavras: as pessoas, nas suas comunicações interpessoais, discutem prioritariamente sobre os temas abordados nos meios de comunicação (BARROS FILHO, 1996, p. 1).

A Agenda-setting, como ideia central surgiu com Lippmann em 1922 e mais tarde, McCombs e Shaw organizaram, sistematizaram, aprofundaram e nomearam como conceito, o que mais tarde conferiu-lhe status de teoria (CASTRO, 2014). As primeiras investigações sobre cobertura midiática sistemas eleitorais mostraram que o mesmo grau de importância que a mídia anunciava era similar aos que os eleitores também definiram como de grande importância.

Se a mídia pauta as conversas diárias da maioria das pessoas, a forma como as inúmeras violações de Direitos Humanos que ocorrem no ambiente escolar são apresentadas estão formando opiniões a esse respeito. Portanto, ao utilizar da Teoria da Agenda-setting (CASTRO, 2014) como fundamento sobre a formação das mentalidades e como metodologia (BARROS FILHO, 1996; BRANDI, 2016) será possível compreender as relações não lineares entre a **agenda pessoal, agenda grupal e agenda pública** (BARROS FILHO, 1996).

Nesse sentido, ao analisar o conteúdo da notícia por meio dos pressupostos da Agenda-setting cabe também desvelar a ética ou a sua falta articulada no emaranhado de palavras que destaca em letras garrafais textos tão violadores quanto a própria violação denunciada. Essa é uma atividade analítica que precisa ser intencionalmente ensinada. É, portanto, uma habilidade cognitiva, um procedimento de criticidade que ora apreendido rompe com grande parte daquilo que denominamos alienação ou ainda analfabetismo político funcional.

De acordo com Castro (2014, p. 198) a Agenda-setting “[...] compõe parte desse esforço, focando-se em compreender a influência da *mass media* na opinião pública e na construção da imagem que as pessoas têm da realidade”.

Conforme Castro (2014, p. 201)

A função do agendamento foi definida, então pela capacidade dos meios de comunicação de massa em dar ênfase a determinados o tema e pela possibilidade de os indivíduos incluírem esse tema em sua lista de prioridades após a influência recebida pelo meio de comunicação.

Mas, qual o interesse a Pedagogia pode ter em conhecer estudos da área da Comunicação?

Como **ciência** do ensino e do aprendizado a Pedagogia deve preocupar-se com tudo aquilo que forma o sujeito, as mentalidades, seu valores e aprendizagens tanto quanto seu acesso aos conhecimentos historicamente acumulados e socialmente valorizados. Isso difere no contexto, por isso, é preciso que a formação de professores em todos os níveis e etapas tenha uma base crítica e reflexiva. Assim, “[...] através de textos, sons e imagens, a cultura midiática corrobora, assim, os laços sociais, ao mesmo tempo que fornece elementos de homogeneização de discursos e identidades (CRUZ, 2011, p. 183)”.

Mesmo comprovadamente que a Agenda-setting de fato pauta os assuntos e até forma como as pessoas pensam e agem diante de um fato ou tema, também é verdade que esse efeito é menor, contestável ou nulo para pessoas com maior capacidade analítica e com repertórios diferenciados.

Dessa forma, “o processo pedagógico deve esclarecer e advertir sobre eventuais efeitos nefastos que a recepção do produto informativo pode produzir e, não os reforçar (BARROS

FILHO, 1996, p. 31)”.

O estudo do material e seu gênero textual deve ser apresentado na escola em diferentes escalas e aprofundamento. O material informativo deve ser apresentado enquanto material, métodos, construção, tipos, mas também ao educando cabe mostrar e ensiná-lo a não tornar-se mero “deglutidor hipocondríaco de pílulas informativas (BARROS FILHO, 1996, p. 31)”.

A pesquisa em violação de Direitos Humanos na escola se justifica pelos inúmeros dados já organizados em publicações científicas e acadêmicas (CASTRO, 2015; CUNHA, 2019; MORAES, 2018). Para ilustrar o problema destacamos a violação e intolerância religiosa, que inclui o secularismo nas artes e na cultura (CUNHA, 2019), a LGBTTQIAfobia² que empurra para fora da escola crianças, adolescentes e jovens, mutila psicologicamente outros também e torna abjeta³ a vida escolar e social dessas pessoas (MORAES, 2018), o *bullying*, a gordofobia, a misoginia, xenofobia, as identidades que ainda são consideradas destoantes (CASTRO, 2015).

Quando noticiados, os casos de violação de Direitos Humanos ganham outros aspectos que podem ser tendenciosos, apelativos, omissos e até pejorativos. Chicarino (2016, p. 134) destaca que

[...] a violência nos canais de televisão é explícita, as telenovelas propagam a corrupção de forma institucionalizada, a divisão de classes, o racismo, etc. Pautadas cegamente na lógica do mercado, os terrenos de interesse público como educação, solidariedade, meio ambiente, questões de orientação sexual e gênero, são cada vez mais deixadas de lado em detrimento do que gera audiência. A educação em Direitos Humanos no contexto midiático se encaixa em um processo global de conscientização e de reconstrução cultural da sociedade.

É nesse aspecto que a Pedagogia pode contribuir promovendo formação inicial e continuada de profissionais da educação e elaborando práticas pedagógicas organizadas pelos pressupostos das metodologias ativas sobre análise midiática em diferentes etapas e níveis de ensino.

3 Método

A metodologia de acompanhamento das notícias nos três hospedeiros foi realizada nas seguintes etapas: 1. Leitura; 2. Seleção contendo dados como fonte, data e texto na íntegra; 3. Tabulação por critério de enquadramento da violação como categorias; 4. Leitura analítica e anotação dos elementos objetivos e subjetivos; 5. Monitoramento na mídia hospedeira para verificação de desfechos e ou outras questões.

As categorias são interpretadas com a análise de conteúdo segundo Bardin (2016) destacando o sistema de valores explícitos e implícitos, termos comuns que se repetem mostrando inferências para o tipo de comunicação de massa exercida de forma a expor o agendamento da pauta a ser discutida com a sociedade, incluindo vocabulário, a manchete e a condução da matéria com sua condução ética.

O último item, organizado em quadro próprio, é a busca de notificação sobre o desfecho

2 Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, *queer*, intersexual, assexual a sufixo fobia nesse caso é todo preconceito voltado à essas identidades.

3 Anula, torna um assujeitamento dos sujeitos.

- quantos e quais casos foram apresentados com desfecho ou obtiveram matéria posterior revelando a finalização do caso? A análise desse dado tende a mostrar se há um reforço no ato denunciativo, mas sem a mesma pressão para o controle social da resolução.

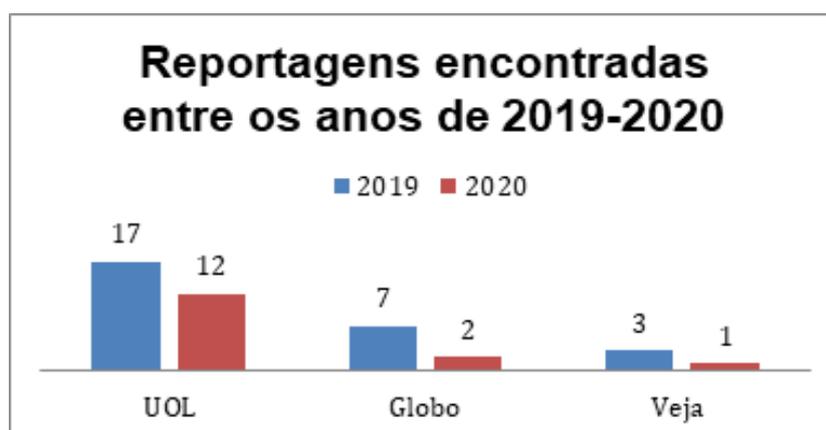
4 Resultados e discussão

Foram criadas sete categorias divididas por temas enfatizando o tipo de violação a ser mencionada pelos 43 noticiários coletados. As categorias estão divididas entre os temas - Violência contra a mulher, Violação dos Direitos Humanos contra a população LGBTQIA+ nas escolas, Racismo nas escolas, *Bullying*, Violência contra professores, Precariedade no ensino e evasão escolar e Intolerância religiosa na escola e na educação.

De acordo com a Andi - Mídia e Direitos Humanos (2006) os meios de comunicação têm papel fundamental na efetivação dos direitos básicos. A mídia tem um papel decisivo na consolidação de direitos, podendo fortalecer a conquista de direitos básicos ou ainda dificultar o acesso por meio de sua comunicação.

A educação midiática pode ser uma grande aliada para a compreensão e distinção do que é fato e opinião, propondo caminhos para auxiliar o aprendizado das pessoas. De maneira simples, o fato refere-se a uma informação transmitida como ocorrência do mundo real, cuja realidade é comprovada através da verificabilidade. Um exemplo de fato é a divulgação de um acontecimento da vida real por meio jornalístico, consequência de um evento relevante que merece reconhecimento popular. A opinião difere disso e caí no senso comum ou particular do sujeito. Num sentido mais amplo, a opinião está ligada à crença no qual o indivíduo fundamenta-se para engendrar conclusões ou pontos de vista. De acordo com a filosofia, opinião é a ideia contrária ao conhecimento epistêmico, obtido através da necessidade de expressar particularidades ao entendimento.

Segue abaixo um gráfico correspondente a quantidade de notícias coletadas por ano de cada site:



As mídias dão cada vez mais visibilidade aos modos de saber, viver, sentir e ser. Essa visibilidade provoca muitas transformações já que em jornais escritos, televisivos ou virtuais o cotidiano é exposto quase em tempo real e com elementos realísticos como imagens em cores, relatos, *flashes* e etc. aproximam “o que é real da ficção, o distante e o próximo, alteram a noção de tempo e espaço, valores morais e estéticos, impondo formas de ser, pensar e agir (VELOSO, 2006, p. 2)”.

A revolução dos meios de comunicação de massa nos anos de 1960 atingiu a educação produzindo saberes escolares e estudos sobre a relação mídia e educação. Nos anos de 1970 com a chegada da informática na educação essa relação fica cada vez mais estreita e necessária. Em meados de 1980 as TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) não apenas ampliou esse foco como definiu mídia e educação como campo de ação e pesquisa, sobretudo, para almejar um dos objetivos da educação escolar que é o preparo para a cidadania (VELOSO, 2006).

O acesso à informação apenas recentemente foi incluída como pauta de direitos humanos. Para isso é fundamental desenvolver hábitos e habilidades como consultas à diferentes portadores, percepção acerca da segurança da fonte, reconhecimento e diferenciação entre fatos e opiniões, além da criticidade e apropriação do conhecimento.

Assim, a relação mídia e educação tem uma função pedagógica- a de formar por meio de práticas educativas o sujeito que produz e consome informação das diferentes mídias. Uma das formas de realizar essa proposta é por meio de projetos escolares definidos no Projeto Político-Pedagógico da escola, temas transversais como preconiza a LDBEN 9394/1996, da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e currículos escolares.

Quadro 1. Notícias que tiveram desfecho

TÍTULO DA REPORTAGEM	LINK	ANO	SITE
Professora estuprada em escola hesitou denunciar: “Ele disse que voltaria”	https://www.UOL.com.br/universa/noticias/redacao/2019/10/04/professora-estuprada-em-escola-hesitou-denunciar-ele-disse-que-voltaria.htm	2019	UOL
Assédio sexual na escola: “Professor me convidou para sentar no colo dele”	https://www.UOL.com.br/universa/noticias/redacao/2019/09/20/assedio-sexual-na-escola-professor-me-convidou-para-sentar-no-colo-dele.htm	2019	UOL
Professor é condenado por tentar fazer sexo com alunas em troca de notas	https://noticias.UOL.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/02/professor-assedio-alunos-notas-aulas.htm	2019	UOL
Aluna é esfaqueada por colega em banheiro de colégio em São Bernardo	https://Veja.abril.com.br/brasil/aluna-e-esfaqueada-por-colega-em-banheiro-de-colegio-em-sao-bernardo/	2019	VEJA
Professor de SP é afastado após praticar ato obsceno em vídeo-aula.	https://oglobo.globo.com/sociedade/professor-de-sp-afastado-apos-praticar-ato-obsceno-em-videoaula-24488544	2020	O GLOBO
“Deixa a pretinha pra lá”: racismo em escola de RJ mostra nosso preconceito	https://emdesconstrucao.blogosfera.UOL.com.br/2019/04/21/como-um-caso-de-racismo-na-escola-aponta-o-preconceito-que-existe-em-nos/	2019	UOL
Caso de racismo em escola privada no Rio leva a discussão sobre necessidade de contratar mais professores negros	https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/caso-de-racismo-em-escola-privada-no-rio-leva-discussao-sobre-necessidade-de-contratar-mais-professores-negros-23600547	2019	O GLOBO

Alunos envolvidos em casos de racismo no colégio do Rio são indiciados	https://www.UOL.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/05/alunos-envolvidos-em-casos-de-racismo-em-colegio-no-rio-sao-indiciados.htm	2020	UOL
Estudo: Professor vê aluno negro como agressivo e trata aluno branco com simpatia	https://noticias.UOL.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/07/23/estudo-professor-ve-aluno-negro-como-agressivo-e-trata-branco-com-simpatia.htm	2020	UOL
O <i>bullying</i> no Brasil é duas vezes maior que média internacional.	https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/bullying-no-brasil-duas-vezes-maior-que-media-internacional-23752720	2019	O GLOBO
Menina de 11 anos sofre <i>bullying</i> de colegas, no RJ, “se mata” diz mensagem	https://noticias.UOL.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/11/05/menina-de-11-anos-sofre-bullying-na-escola-no-rj-se-mata-diz-mensagem.htm	2020	UOL
Criança se esconde em banheiro de escola por três dias após sofrer <i>bullying</i> na escola	https://noticias.UOL.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/10/06/crianca-vitima-de-bullying-se-esconde-em-banheiro-de-escola-por-tres-dias.htm	2020	UOL
SP: 29% dos jovens sofreram <i>bullying</i> em 2019 em escolas públicas	https://noticias.band.UOL.com.br/noticias/100000982232/sp-29-dos-jovens-sofreram-bullying-em-2019-em-escolas-publicas.html	2019	UOL
Garoto gay autista se mata após ser alvo de <i>bullying</i> homofóbico	https://observatoriog.bol.UOL.com.br/noticias/garoto-gay-autista-se-mata-apos-ser-alvo-de-bullying-homofobico	2020	UOL
O cyberbullying avança entre estudantes brasileiros na quarentena	< https://Veja.abril.com.br/educacao/o-cyberbullying-avanca-entre-estudantes-brasileiros-na-quarentena/ >	2020	VEJA
<i>Bullying</i> : uma a cada cinco crianças pensam em suicídio depois da agressão	https://Veja.abril.com.br/saude/alerta-1-em-cada-5-criancas-pensa-em-suicidio-por-causa-do-bullying/	2019	VEJA
“Meu filho foi agredido porque tem Down”	https://Veja.abril.com.br/brasil/meu-filho-foi-agredido-porque-tem-down/	2019	VEJA
Aluno ataca professor a facadas em escola municipal de São Paulo	https://Veja.abril.com.br/brasil/aluno-ataca-professor-a-facadas-em-escola-municipal-de-sao-paulo/	2019	VEJA
Metade dos docentes e um terço dos alunos dizem ter sofrido violência em escolas de SP	https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/metade-dos-docentes-um-terco-dos-alunos-dizem-ter-sofrido-violencia-em-escolas-de-sp-24146207	2019	O GLOBO
O desafio de manter jovens no ensino médio, principal obstáculo à universalização do ensino	https://noticias.UOL.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/06/20/o-desafio-de-manter-jovens-no-ensino-medio-principal-obstaculo-a-universalizacao-da-educacao.htm	2019	UOL

5 Notícias que não tiveram desfecho

As notícias abaixo não tiveram desfecho por motivos de falta de medidas advindas de apuração de casos policiais, omissão dos governos em apuração, resolução e pronunciamento dos casos, falta de políticas públicas e posicionamento de instituições.

De acordo com Perlingeiro, Diaz e Linane (2019, p.196) o direito à informação faz parte de uma cultura de preservação dos Direitos Humanos. A falta de transparência e informação, sobretudo, sobre punições e desfechos afetam ainda mais a credibilidade da justiça “para que o acesso à informação cumpra realmente o seu papel de controle democrático da atuação do poder público”.

Quadro 2. Notícias que não tiveram desfecho

TÍTULO DA REPORTAGEM	LINK	ANO	SITE
Menina de 12 anos afirma ter sido estuprada em escola na grande SP	https://agora.folha.UOL.com.br/sao-paulo/2019/11/menina-de-12-anos-afirma-ter-sido-estuprada-em-escola-na-grande-sp.shtml	2019	UOL
Polícia investiga suspeita de estupro contra criança em escola	https://tvjornal.ne10.UOL.com.br/bronca-24-horas/2020/01/24/policia-investiga-suspeita-de-estupro-contra-crianca-em-escola-183046	2020	UOL
‘Não é tão simples assim’, diz membro do CNE de proibir discussão de gênero nas escolas	https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/nao-cao-simples-assim-diz-membro-do-cne-sobre-tentativa-do-mec-de-proibir-discussao-de-genero-nas-escolas-23925067	2020	O GLOBO
MEC vai fazer projeto de lei contra ‘ideologia de gênero’	https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/mec-vai-fazer-projeto-de-lei-contra-ideologia-de-genero-23924172	2019	O GLOBO
“Homossexual vestido de mulher”, mãe de aluno ofende professora trans em SC	https://www.UOL.com.br/universa/noticias/redacao/2019/11/22/professora-e-alvo-de-ofensas-homofobicas-em-disputa-por-direcao-de-escola.htm	2019	UOL
Uma história mal contada: a farsa sobre o kit gay	https://aventurasnahistoria.UOL.com.br/noticias/reportagem/uma-historia-mal-contada-a-farsa-sobre-o-kit-gay.phtml	2020	UOL
Projeto de lei contra homofobia é barrado em MG	https://noticias.UOL.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/05/projeto-de-lei-contra-homofobia-em-escolas-e-barrado-em-mg.htm	2019	UOL
Música sacra afro-brasileira enfrenta resistência de alunos evangélicos na escola de música da UFRJ	https://oglobo.globo.com/cultura/musica/musica-sacra-afro-brasileira-enfrenta-resistencia-de-alunos-evangelicos-na-escola-de-musica-da-ufrj-23906215	2019	UOL
Professor de colégio particular de Niterói é vítima de racismo após ofensas de alunos do 7º ano	https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/professor-de-colegio-particular-de-niteroi-e-vitima-de-racismo-apos-ofensas-de-aluno-do-7-ano.html	2020	O GLOBO

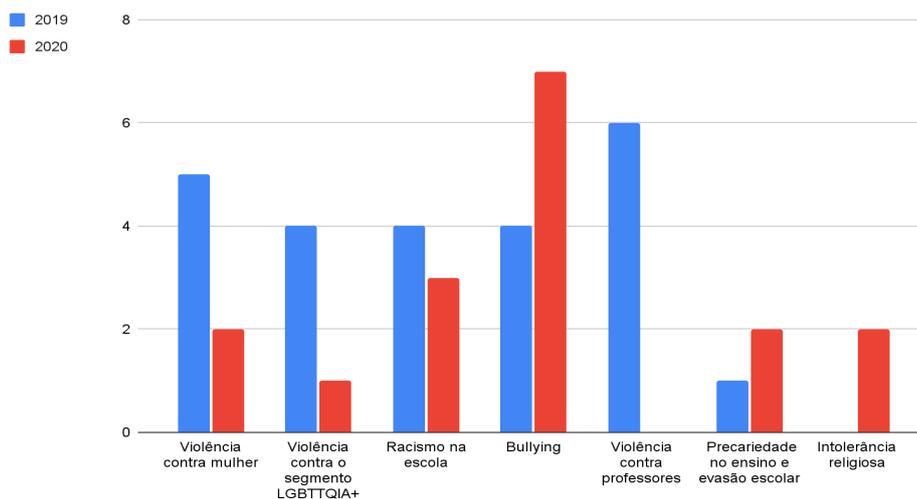
Metade dos docentes e um terço dos alunos dizem ter sofrido violência em escolas de SP	https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/metade-dos-docentes-um-terco-dos-alunos-dizem-ter-sofrido-violencia-em-escolas-de-sp-24146207	2019	O GLOBO
Um a cada dois alunos em todo o mundo já foi vítima de bullying	://www.UOL.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/11/05/um-em-cada-tres-alunos-em-todo-o-mundo-foi-vitima-de-bullying.htmhttps	2020	UOL
Menino de 9 anos que tem nanismo sofre bullying todos os dias na escola: “Eu quero morrer”	https://paisefilhos.UOL.com.br/crianca/menino-de-9-anos-que-tem-nanismo-sofre-bullying-todos-os-dias-na-escola-eu-querer-morrer/	2020	UOL
A cada dia, ao menos dois professores são agredidos em escolas estaduais em SP	https://educacao.UOL.com.br/noticias/2019/08/22/a-cada-dia-ao-menos-2-professores-sao-agredidos-em-escolas-estaduais-em-sp.htm	2019	UOL
Policia aborba professora durante ocupação na E.E. Professor Lenio Vieira	https://noticias.UOL.com.br/videos/?id=policia-aborba-professora-durante-ocupacao-da-ee-professor-lenio-vieria-0402CD19396CCCB96326	2019	UOL
Professor agredido vai processar suspeito por tentativa de homicídio	https://www.UOL.com.br/universa/noticias/redacao/2019/11/21/professor-agredido-vai-processar-suspeito-por-tentativa-de-homicidio.htm	2019	UOL
Professor diz ter sido agredido por aluno de 13 anos em escola: “Pesadelo”	https://educacao.UOL.com.br/noticias/2019/05/31/professor-diz-ter-sido-agredido-por-aluno-em-escola-estadual-um-pesadelo.htm	2019	UOL
Em SP, 54% dos professores dizem ser sido agredidos por, aponta pesquisa	https://agora.folha.UOL.com.br/sao-paulo/2019/12/em-sp-54-dos-professores-dizem-ser-sido-agredidos-aponta-pesquisa.shtml	2019	UOL
Mais de 20% das crianças estão matriculadas em escola sem saneamento	https://educacao.UOL.com.br/noticias/2020/11/21/mas-de-20-das-criancas-estao-matriculadas-em-escolas-sem-saneamento.htm	2020	UOL
1,5 milhão de crianças sem creches e 11 milhões de analfabetos: os desafios urgentes para o Brasil ‘passar de ano’ na educação	https://noticias.UOL.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/08/09/15-milhao-de-criancas-sem-creches-e-11-milhoes-de-analfabetos-os-desafios-urgentes-para-o-brasil-passar-de-ano-na-educacao.htm	2020	UOL
Negros são 71,7% dos jovens que abandonam a escola no Brasil	https://www1.folha.UOL.com.br/educacao/2020/06/negros-sao-717-dos-jovens-que-abandonam-a-escola-no-brasil.shtml	2020	UOL
Bomba em escola Paquistanesa deixa 7 mortos e mais de 80 feridos	https://www1.folha.UOL.com.br/mundo/2020/10/bomba-em-escola-paquistanesa-deixa-7-mortos-e-mais-de-80-feridos.shtml	2019	UOL

Brasil apoia na OEA proposta que autoriza pais a impor a educação religiosa ou moral aos filhos	https://www1.folha.UOL.com.br/mundo/2020/10/brasil-apoia-na-oea-proposta-que-autoriza-a-pais-impor-educacao-religiosa-ou-moral-a-filhos.shtml	2019	UOL
---	---	------	-----

Fonte: Dados da pesquisa

Os quadros que serão apresentados a seguir de acordo com as violações dos Direitos Humanos foram elaborados através de pesquisas realizadas nos sites UOL, O Globo e Veja. Primeiro foram selecionadas as categorias, posteriormente utilizamos subtítulos para aprofundamento das violações, através da análise das principais configurações de violências de acordo com cada tópico. Para isso, foram filtradas as principais notícias dos anos de 2019 e 2020 sobre as violações dos Direitos Humanos no campo educacional, exclusivamente nas instituições de ensino. Segue abaixo o gráfico para ilustrar a quantidade de notícias coletadas por tópico e ano.

Quantidade de notícias coletadas por tópico nos anos de 2019 e 2020



Partindo da análise ao gráfico podemos observar que alguns tópicos têm maior eminência na mídia em algum ano em específico. É preciso salientar que no ano de 2020, as escolas tiveram suas aulas suspensas no mês de março em decorrência da pandemia da Covid-19. Tendo isso em vista, é observável que diante dessa situação alguns casos ganharam maior destaque, principalmente por meio das redes sociais que se tornaram refúgio dos estudantes durante o período da quarentena, tanto para uso pessoal, quanto para fins educativos através das aulas remotas. Para ilustrar essa questão, podemos observar que no ano de 2020, a quantidade de notícias relacionadas à categoria *bullying* ganhou maior ênfase, dentre as denúncias trazidas pela mídia, destacam-se os crimes de *cyberbullying*, com a maioria dos ataques feitos pela internet. Um outro reflexo dessa questão é a categoria “Racismo na escola”, mesmo tendo maior eminência no ano de 2019, a categoria foi a segunda responsável por maior destaque pela mídia, através da nossa pesquisa, no ano de 2020. Das três notícias coletadas correspondentes ao ano e categoria em questão, todas são relacionadas a crimes virtuais, demonstrando a saturação das redes sociais como aliada a crimes relacionados ao *cyberbullying*.

Quadro 3. Categoria- Violência contra mulher

Site	Título da reportagem	Data da notícia/ reportagem	link	resumo da reportagem com ênfase na violação
UOL	Menina de 12 anos afirma ter sido estuprada em escola na grande SP.	08 nov.2019	https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2019/11/menina-de-12-anos-afirma-ter-sido-estuprada-em-escola-na-grande-sp.shtml	Aluna sofre violência sexual por suposto aluno do ensino noturno na quadra da escola. Ainda sobre a apuração, o suspeito não foi identificado.
UOL	Polícia investiga suspeita de estupro contra criança em escola.	24 jan.2020	https://tvjornal.ne10.uol.com.br/bronca-24-horas/2020/01/24/policia-investiga-suspeita-de-estupro-contra-crianca-em-escola-183046	A Polícia civil de Pernambuco apura caso de estupro contra uma criança de três anos, o abuso teria acontecido durante o banho pela própria professora.
UOL	Professora estuprada em escola hesitou denunciar: “Ele disse que voltaria.”	04 out.2019	https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/10/04/professora-estuprada-em-escola-hesitou-denunciar-ele-disse-que-voltaria.htm	Professora é vítima de violência sexual no estacionamento da escola durante uma abordagem de assalto. A vítima relata a demora do apoio policial para registrar o boletim de ocorrência.
UOL	Assédio sexual na escola: “Professor me convidou para sentar no colo dele”	20 set.2019	https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/09/20/assedio-sexual-na-escola-professor-me-convidou-para-sentar-no-colo-dele.htm	Uma das primeiras decisões envolvendo assédio sexual entre professor e aluna no Brasil, o STJ condenou o professor que assediou uma aluna em sala de aula que precisava de dois pontos para alcançar a média e ser aprovada.
UOL	Professor é condenado por tentar fazer sexo com alunas em troca de notas	02 nov.2019	https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/02/professor-assedio-alunos-notas-aulas.htm	Professor condenado há mais de um ano em regime aberto com pena substituída por prestação de serviços comunitários, assediava alunas e oferecia sexo em troca de notas altas. Em sua defesa, o professor nega as acusações e alega falta de interpretação no jeito extrovertido durante suas aulas.
Veja	Aluna é esfaqueada por colega em banheiro de colégio em São Bernardo.	02 out.2019	https://veja.abril.com.br/brasil/aluna-esfaqueada-por-colega-em-banheiro-de-colegio-em-sao-bernardo/	Aluna é ferida com golpe no pescoço por aluno da mesma instituição no interior de um banheiro na unidade. O autor do ataque foi apreendido após pular o muro da escola.

O Globo	Professor de SP é afastado após praticar ato obsceno em vídeo aula.	19 jun.2020	https://oglobo.globo.com/sociedade/professor-de-sp-afastado-apos-praticar-ato-obsceno-em-videoaula-24488544	Dois professores de escolas técnicas de São Paulo foram afastados de seus cargos após denúncias de assédio e conduta sexual indevida. Em um dos casos o professor é indiciado por ser pego masturbando-se durante um vídeo aula e outro docente é afastado por envolvimento com ex-aluna e denúncias de assédio de menores.
---------	---	-------------	---	---

Fonte: Dados da pesquisa.

A violência de gênero é tão antiga quanto à própria humanidade, não só enquanto ato físico, a desvalorização e subjugação social da mulher sempre se fez presente. Como raiz do problema, o patriarcado é um sistema sociopolítico que coloca o homem como centro de poder, onde gozam dos privilégios sociais, autoridade moral, liderança política e controle social. A violência contra a mulher é potencializada através da construção desigual do lugar, da assimetria do poder no qual os papéis sociais, a liberdade sexual e a limitação de poder e escolha são restringidas para o gênero feminino. As causas, portanto, são estruturais, históricas, político-institucionais e culturais. Sem direito à cidadania, forjadas nos espaços públicos, a violência se dissemina nos múltiplos locais, e a escola, espelho da sociedade, tornam-se elas alvos das mais diversas violências e esse retrato é exposto a partir dos noticiários abaixo, trazendo à tona suas vulnerabilidades na educação.

De acordo com Lins et.al (2019) certos tipos de violências estão associados a ideias e estereótipos de gênero. As características e comportamentos implantados na sociedade do que se espera de um homem ou uma mulher, indica acessibilidade diferente de direitos, exclusivamente dentro de um sistema patriarcal, que aumenta o risco de violência aos indivíduos mais desfavorecidos - neste caso as mulheres. Diante disso, três esferas tornam-se elas as vítimas mais suscetíveis às violências, sendo elas: a violência doméstica, que diz respeito a agressões, ameaças e ofensas sofridas dentro do ambiente familiar. A violência sexual caracterizada pela falta de consentimento, livre expressão e a vontade de ter intimidade. E o denominado “pornografia de vingança” que vem se disseminando, principalmente entre os mais jovens, ganhando predominância no espaço escolar, sendo essa a divulgação de imagens e vídeos íntimos, seguindo o intuito de desmoralizar a vítima, partindo do pressuposto de condenar o comportamento da mulher envolvida.

Para Bond (2019) a cobertura midiática sobre casos de feminicídio, por exemplo, necessita de muitas melhorias. Quando os crimes são noticiados, pouco esclarecem sobre as medidas protetivas e políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher. A falta de contextualização, a ausência de orientação e a omissão do foco na punição do agressor são algumas falhas na maioria das reportagens e notícias.

Para que a mídia possa estabelecer uma cobertura completa é preciso promover formação em Direitos Humanos para jornalistas de maneira que além de noticiar, possa formar e informar.

A escassez de uma abordagem em Direitos Humanos sobre casos de violência de gênero foi

percebido também em nosso levantamento. Uma das questões mais importantes, por exemplo, é dar visibilidade à punição e orientar em como procurar ajuda. No primeiro caso, a ausência dessa informação é ainda maior.

Com uma cobertura midiática falha, a violência contra a mulher e o feminicídio tende a ser banalizado socialmente, o que promove, paradoxalmente, uma sensação de impunidade fazendo com que muitas pessoas percam o sentido de segurança na justiça, acarretando ainda mais o silenciamento e a conduta de não denunciar.

As violações dos Direitos Humanos contra as mulheres apresentadas na primeira categoria desvelam e denunciam as agressões, assédio sexual e conduta indevida dentro do âmbito escolar, principalmente defronte do abuso de poder dos professores, diante de alunas, constantemente abusadas, assediadas e ameaçadas.

A escola não pode se eximir da responsabilidade sobre a formação social das pessoas e, para isso, precisa assumir como tarefa tratar de temas sociais que exigem não apenas a formação da cidadania e dos direitos Humanos, mas a compreensão enquanto fenômeno social. Assim, o tema da violência de gênero é urgente, não só porque infelizmente faz parte do cotidiano, mas porque também ocorre no ambiente escolar.

A violência de gênero pode ser entendida como “imposição de comportamentos femininos/masculinos, que se iniciam na família, instituição primária da sociedade, e se entende à escola (BABIUK, FACHINI e SANTOS, 2013, p. 28595)

A escola produz e reproduz as representações de gênero, sobretudo, de forma estereotipada com uma imagem para mulheres e meninas serem dóceis e frágeis e para homens e meninos dominadores e competitivos. O fato é que essas representações só fortalecem as assimetrias de gênero causando ainda mais desigualdades e vulnerabilidades quando na verdade a função social da escola deve ser a desconstrução dos preconceitos e discriminações. O ambiente escolar, pela sua diversidade de relações é privilegiado por transmitir e construir valores, atitudes e condutas.

De acordo com Babiuk, Fachini e Santos (2013, p. 28602).

[...] a escola deve ser pensada como espaço de reflexão, onde juntos, alunos e alunas, sejam instigados a pensar sobre sua vida e suas realidades. Esse é um espaço propício para que sejam criadas relações mais igualitárias, e conseqüentemente realizar a busca por uma sociedade diferente desta dada nos dias de hoje que se configura em um espaço pautado nas relações de poder, onde um é ‘sobre o outro’ e não ‘como o outro’.

Sabe-se que as violências provocam danos irreparáveis no desenvolvimento físico, emocional, intelectual, principalmente quando voltadas às crianças e adolescentes. Outro agravante é que se a violência ocorre pela ou nas instituições que deveriam proteger e acolher, como a família e a escola, os danos são ainda maiores, pois aumentam as vulnerabilidades e restringem as possibilidades de ajuda.

Assim, quando a mídia retrata a violência de gênero nas escolas deve também apontar não somente o desfecho, como as condutas de punição ou retratação, mas tratar da complexidade e urgência do tema, bem como, das boas práticas educativas que promovem uma relação mais equitativa de gênero no ambiente escolar. Nessa pesquisa, as coberturas midiáticas se mostraram omissas quanto ao último quesito.

Ainda, não é na mídia veiculado que as crianças e adolescentes de hoje são o nosso futuro? Então, como pensar em um futuro onde a escola, que é o espaço primário da relação dos alunos alunas entre si e os outros profissionais, é um local onde a desigualdade social não é discutida? Onde, historicamente, por meio do autoritarismo por parte dos profissionais que trabalham nesses espaços, não é permitido que as crianças e adolescentes expressem suas opiniões e vontades (BABIUK, FACHINI e SANTOS, 2013, p. 28602).

A escola é uma grande influenciadora do processo educativo e por isso, se faz necessário incorporar em seu currículo ações sistemáticas que promovam o acesso a informação, articulação de atividades e trabalhos a fim de transformar a cultura e a sociedade com o enfoque de eliminar as disparidades de gênero, a violência doméstica e a violência as mulheres por meio da informação. Uma escola que não dialoga com seus alunos sobre as violências contra a mulher é uma grande precursora dessas opressões, reproduzindo um ciclo violento.

As propostas trazidas aqui não são apenas para trazer reflexão das violências internas contra a mulher no ambiente escolar, mas introduzir essas discussões a fim de propagar ações que evadam as salas de aula e tomem proporções a frente de casos e realidades de violência contra as mulheres diante dos discentes em todos os campos da sociedade.

De acordo com Lins et.al (2019) é importante abrir possibilidades para que educadores, gestores e toda a comunidade escolar repensem nas suas práticas e gerem espaços de debates e transformações sociais na escola, realizando projetos indisciplinares que contemple debates, palestras e outras atividades sobre direitos, assédio sexual e autonomia das mulheres e seu corpo. Em vez de esquivar-se diante de conflitos, a responsabilidade é trazer o tema para o centro da pauta.

Quadro 4. Categoria- Violação dos Direitos Humanos contra LGBTQIA+ nas escolas

Site	Título da reportagem	Data da notícia / reportagem	Link	Resumo da reportagem com ênfase na violação
O Globo	'Não é tão simples assim', diz membro do CNE de proibir discussão de gênero nas escolas.	04 out.2019	https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/nao- tao-simples- assim-diz- membro-do- cne- sobre- tentativa-do- mec- de- proibir- discussao- de- genero- nas- escolas- 23925067	O presidente Jair Bolsonaro vai fazer um projeto de lei para proibir a abordagem do que se chama "ideologia de gênero" nas escolas. Em 2017, durante a gestão de Michel Temer, após pressão de uma bancada evangélica censurou na BNCC termos relacionados à questão de gênero e orientação sexual.
O Globo	MEC vai fazer projeto de lei contra 'ideologia de gênero'	03 set.2019	https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/mec-vai- fazer-projeto- de- lei- contra- ideologia- de- genero- 23924172	Jair Bolsonaro anunciou em seu twitter que o MEC vai fazer um projeto de lei que proíba a chamada ideologia de gênero no ensino fundamental. O presidente afirma que deu ordem ao órgão no intuito de proteção integral das crianças.

UOL	“Homossexual vestido de mulher”, mãe de aluno ofende professora trans em SC.	22 nov.2019	https://www.UOL.com.br/universa/noticias/redacao/2019/11/22/professora-e-alvo-de-ofensas-homofobicas-em-disputa-por-direcao-de-escola.htm	A professora de matemática Lodemar Schmitt eleita por pais e professores a assumir a diretoria de uma escola municipal em SC sofreu ataques transfóbicos partindo de uma mãe insatisfeita, os áudios que circulam pelos grupos de pais da instituição tinha teor depreciativo ao trabalho e identidade da professora.
UOL	Uma história mal contada: a farsa sobre o kit gay	08 jan.2020	https://aventurasnahistoria.UOL.com.br/noticias/reportagem/uma-historia-mal-contada-a-farsa-sobre-o-kit-gay.phtml	Pejorativamente chamado de “kit gay” o material “escola sem homofobia” faz parte de um projeto para o combate ao preconceito e violência contra a população LGBT. No entanto, antes de chegar às escolas, o material foi barrado sob alegação de estímulo ao homossexualismo e a promiscuidade.
UOL	Projeto de lei contra homofobia é barrado em MG	05 nov.2019	https://noticias.UOL.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/05/projeto-de-lei-contrahomofobia-em-escolas-e-barrado-em-mg.htm	O projeto de lei chamado de Plano 21 foi que visava criar e implementar programa educacional de combate a diversos tipos de discriminações foi vetado pela assembleia legislativa, sinalizado como uma vitória para a bancada cristã.

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com Martinz, Fernandez e Nascimento (2010) a intolerância contra o segmento LGBT se manifesta através dos mais diversos tipos de violências, ocasionando do assédio moral até a morte. As violações dos Direitos Humanos contra essa população se desdobram em homicídios, agressões físicas e verbais, golpes, discriminações, assédios e preconceitos. Os crimes se articulam em diferentes especificidades, mas na maioria das vezes é motivada pela conformidade de gêneros.

Conforme afirmado por Lins e col. (2019, p.70) “a intolerância às diferentes possibilidades de ser homem ou mulher, em nossa cultura, é o que leva ao estado de violência com o qual a população de pessoas LGBT convive cotidianamente”.

As notícias acima afirmam os principais tipos de violações dos Direitos Humanos contra o segmento LGTBTTQIA+ nas escolas, desde articulações de governantes para a retirada da chamada “ideologia de gênero” do espaço escolar, a partir da censura do currículo, livros didáticos e o chamado pejorativamente “Kit gay”, com argumentos fundados em desinformação, baseados em *fake news*. E a violência sofrida por alunos e professores acerca do tema.

São diversas as opressões que a população LGBTTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersex) sofre constantemente. A palavra fobia significa a repulsa ou preconceito, essa palavra que se denomina como “medo irracional”, se complementa com outras, formando múltiplos conceitos, tais como a lesbofobia, homofobia, bifobia, transfobia, queerfobia ou queermisia e outros. A materialização acontece por meio da violência. O domínio da lógica heteronormativa colocam LGBTTQI+ em condições de inferioridade e anormalidade. Os termos, são as expressões do que podemos chamar de hierarquização da sexualidade. As notícias abaixo mostram como a violência se caracteriza dentro do ambiente escolar, seja pelas ações de indivíduos ou grupos através da violência física ou verbal, ou como parte de leis governamentais que visam adstringir ou censurar estudos sobre gênero, sexualidade e diversidade nas escolas, a fim de preservar as regras da heterocisnormatividade, oprimindo e disseminando violência a essa população.

Algumas escolas ainda não levam em consideração os casos de LGBTfobia, tendo como algo inofensivo ou apenas uma “brincadeira”. A escola não é lugar de preconceito e algumas leis prevê a promoção de direitos fundamentais para a população LGBTTQIA+, como a Lei Estadual 16.454/10 que institui o dia Dia Estadual de Combate à Homofobia, a ser promovido anualmente no dia 17 de maio. E alguns direitos orientam aos estabelecimentos de Ensino da Rede Pública Estadual de Educação Básica, a incluir na matrícula o nome social de travestis e transexuais.

Dentro das escolas, assim como em toda a sociedade os assuntos não podem ser velados, é importante buscar parcerias, promover debates, conversas e atividades sobre diversidade de gênero e sexualidade, vivificar campanhas sobre a LGBTfobia, investir na formação de professores e gestores com a distribuição de materiais informativos, desenvolver projetos educativos sobre a temática, mobilizar toda a comunidade escolar e ter atenção aos casos de discriminação, transformando-os em ganchos para projetos pedagógicos e ser combatidos com firmeza e encarados como violências graves no ambiente escolar.

Quadro 5. Categoria- Racismo nas escolas

Site	Título da reportagem	Data da notícia / reportagem	Link	Resumo da reportagem com ênfase na violação
UOL	“Deixa a pretinha pra lá”: racismo em escola de RJ mostra nosso preconceito	21 abr.2019	https://emdesconstrucao.blogosfera.UOL.com.br/2019/04/21/como-um-caso-de-racismo-na-escola-aponta-o-preconceito-que-existe-em-nos/	Família carioca torna público o racismo sofrido por filha de 7 anos por alunos da mesma classe. Em nota, a escola reforçou o combate ao racismo e reforçará o combate.

O Globo	Caso de racismo em escola privada no Rio leva a discussão sobre necessidade de contratar mais professores negros	15 abr.2019	https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/caso-de-racismo-em-escola-privada-no-rio-leva-discussao-sobre-necessidade-de-contratar-mais-professores-negros-23600547	Após a repercussão do caso em que os pais de uma menina de 7 anos tirou a filha da escola por ser vítima de ataques racistas, a pesquisadora Giovana Xavier, da faculdade de educação da UFRJ, afirma a necessidade de contratar mais professores negros em promoção da diversidade.
O Globo	Música sacra afro-brasileira enfrenta resistência de alunos evangélicos na escola de música da UFRJ	05 set.2019	https://oglobo.globo.com/cultura/musica/musica-sacra-afro-brasileira-enfrenta-resistencia-de-alunos-evangelicos-na-escola-de-musica-da-ufRJ-23906215	Aluno reage contra estudo proposto das “Toadas de Xangô”. Professores e alunos da escola falam da resistência de educandos que chegam a trancar matérias que tenham repertórios que sejam contra suas convicções religiosas.
UOL	Alunos envolvidos em casos de racismo no colégio do Rio são indiciados	05 jun.2020	https://www.UOL.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/05/alunos-envolvidos-em-casos-de-racismo-em-colegio-no-rio-sao-indiciados.htm	Três dos cinco adolescentes foram indiciados após trocarem mensagem de cunho racista no intuito de agredir aluna em escola no Rio de Janeiro.
UOL	Pais de menina negra registram BO após filha ser tampada em foto da escola	24 nov.2020	https://noticias.UOL.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/11/24/pais-de-menina-negra-registram-bo-apos-filha-ser-tampada-em-foto-da-escola.htm	Aluna negra é tampada em foto de uma publicação do colégio onde estuda, deixando amostra apenas as três alunas brancas. Após a exclusão, a menina apresentou comportamento introvertido e tem medo de ficar sozinha. O caso deve ser investigado pela Polícia Civil.
UOL	Estudo: Professor vê aluno negro como agressivo e trata aluno branco com simpatia	23 jul.2019	https://noticias.UOL.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/07/23/estudo-professor-ve-aluno-negro-como-agressivo-e-trata-branco-com-simpatia.htm	Estudo da universidade de Carolina do Norte detectou que professores têm maior predisposição em identificar emoções como raiva e agressividade mais em crianças negras do que em crianças brancas. Isso ajuda a explicar os índices de evasão escolar maior entre negros.
O Globo	Professor de colégio particular de Niterói é vítima de racismo após ofensas de alunos do 7º ano	27 jun.2020	https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/professor-de-colegio-particular-de-niteroi-e-vitima-de-racismo-apos-ofensas-de-aluno-do-7-ano.html	Professor sofre ataques racistas durante aula online para uma turma do 7º ano. A direção do colégio afirma que medidas foram tomadas, mas não informou as consequências ao aluno que cometeu o ato racista.

Racismo é a denominação da discriminação ou preconceito contra indivíduos ou grupos por causa da sua cor ou etnia. No Brasil a longa escravidão dos povos africanos e a abolição da escravidão feita de forma irresponsável que não inseriu as pessoas libertas na educação e muito menos no mercado de trabalho, resultou em um sistema racista de marginalização que perdura até a atualidade.

De acordo com a pesquisadora Ana Cristina Juvenal, ‘É na escola que acontecem as primeiras experiências de racismo’. Nesse âmbito, as opressões se manifestam de maneira nítida e explícita ou até mesmo disfarçada. O racismo estrutural também povoa as instituições através das mais diversas discriminações ou a manifestação do preconceito racial através da intolerância religiosa, quando praticada contra religiões de matrizes africanas.

Conforme afirmado por Cavalleiro (2001, p. 7), na escola o racismo se expressa das mais diversas formas: “negação de tradições africanas e afrobrasileira, nossos costumes, negação da nossa filosofia de vida, da nossa posição no mundo [...] da nossa humanidade”.

Para Lima e Vala (2003) “O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é ressignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento”.

A categoria retrata o preconceito cruel que atinge parcela da população mundial, o racismo na escola consiste na violência baseada em diferenças biológicas e étnicas entre as pessoas. As reportagens revelam a intolerância cultural, racismo estrutural, ataques verbais e físicos.

Vale e Santos (2019) destacam que a linguagem verbal tem um enorme valor na mudança ou manutenção do status quo, pois nenhuma palavra é uma escolha aleatória. Trata-se, portanto, de intenções, representações e crenças culturalmente construídas. Sob esse prisma, não existe neutralidade na linguagem, ainda mais quando sua própria função é formar e informar por meio das mídias.

A visão eurocêntrica a respeito dos indígenas e da população negra era e ainda é, preconceituosa, pois retratam-nos como seres primitivos, inferiores, degenerados e sem alma, herança de uma sociedade escravocrata. Essas representações povoavam o imaginário coletivo que os fortaleciam por meio de diferentes linguagens alegóricas. O resultado é um racismo científico e midiático (VALE e SANTOS, 2019).

A respeito das palavras usadas para retratar, elas são funcionais para a construção da representação que permanecem arraigadas nos discursos sociais em diferentes portadores como jornais, revistas, livros, livros didáticos e nesse último observam-se lentas mudanças como a transformação das terminologias que retratam o período da escravidão – escravos (situando-os como uma condição identitária) para pessoas escravizadas como uma retratação da ocorrência de uma atrocidade histórica.

Assim, a linguagem não é apenas uma comunicação, mas uma forma de comunicação carregada de representações que materializam preconceitos e discriminações – facetas de uma violência também simbólica.

Todo o processo de aprendizagem é permeado por relações raciais, quando não há visibilidade, a compreensão cria distorções na compreensão histórica étnico-racial da sociedade brasileira.

Trabalhar as relações de racismo não é apenas uma questão de interesse, a lei 10.639, aprovada em 2003, prevê a inserção de conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares. Com isso, é preciso abolir a cultura do eurocentrismo, reconhecendo os diferentes grupos étnicos, dando importância na valorização da diversidade cultural.

Para combater e refletir sobre o racismo na escola, é importante nunca silenciar-se diante de um ato racista, essa escolha reflete não apenas na comprovação de um completo despreparo na prática docente; sobretudo demonstra a convivência com o racismo, o que é intolerável.

Em primeiro lugar, é necessário ter em mente que a escola brasileira faz parte de uma história secular em que as diferenças são pouco valorizadas. As orientações são levar para o dia a dia da sala de aula a variedade de pessoas e ambientes; não se limitar às datas comemorativas, buscando aprofundamento de personalidades históricas e eventos marcantes da história na luta racial, se vertendo em debates sobre cruzamento étnico, religião, geografia e status socioeconômico; recorrer a arte e literatura na exaltação de pessoas negras dentro desse âmbito e também no reconhecimento de histórias e identidades; ensinar sobre justiça social; implementar tarefas sobre racismo e resolução de conflitos.

Quadro 6. Categoria- *Bullying*

Site	Título da reportagem	Data da notícia / reportagem	Link	Resumo da reportagem com ênfase na violação
O Globo	O <i>Bullying</i> no Brasil é duas vezes maior que média internacional.	20 jun.2019	https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/bullying-no-brasil-duas-vezes-maior-que-media-internacional-23752720	Segundo pesquisa da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), as escolas brasileiras são mais suscetíveis ao <i>bullying</i> que escolas internacionais, a falta de políticas públicas agravam o problema.
O Globo	Metade dos docentes e um terço dos alunos dizem ter sofrido violência em escolas de SP	18 dez.2019	https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/metade-dos-docentes-um-terco-dos-alunos-dizem-ter-sofrido-violencia-em-escolas-de-sp-24146207	<i>Bullying</i> e agressões verbais lideram relatos de alunos que sofreram algum tipo de violência dentro das escolas de SP. Dentre os tipos de violência sofridos, professores e alunos ainda relatam: furto, assédio moral e roubo a mão armada.
UOL	Menina de 11 anos sofre bullying de colegas, no RJ, “se mata” diz mensagem.	05 nov.2020	https://noticias.UOL.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/11/05/menina-de-11-anos-sofre-bullying-na-escola-no-rj-se-mata-diz-mensagem.htm	Grupo de <i>whatsapp</i> vira local de ataque contra criança, feito por colegas de classe, as mensagens de teor ofensivo, pedia para a menina “se matar”. De acordo com os relatos da mãe, não é a primeira vez que a filha sofre <i>bullying</i> desde que chegou à escola.

UOL	Um a cada dois alunos em todo o mundo já foi vítima de <i>bullying</i> .	05 nov.2020	https://www.UOL.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/11/05/um-em-cada-tres-alunos-em-todo-o-mundo-foi-vitima-de-bullying.htm	<i>Bullying</i> traz consequências arrasadoras para vida escolar de alunos violentados. Durante a quarentena, crianças e jovens mais expostas às redes sociais, foram vítimas de <i>cyberbullying</i> .
UOL	Criança se esconde em banheiro de escola por três dias após sofrer <i>bullying</i> na escola	06 out.2020	https://noticias.UOL.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/10/06/crianca-vitima-de-bullying-se-esconde-em-banheiro-de-escola-por-tres-dias.htm	Pai relata que o filho passou três dias consecutivos escondido no banheiro da escola por sofrer <i>bullying</i> de colegas. O fato que aconteceu na Inglaterra foi descoberto após a escola telefonar para o pai alegando as faltas do menino.
UOL	SP: 29% dos jovens sofreram <i>bullying</i> em 2019 em escolas públicas	03 fev.2020	https://noticias.band.UOL.com.br/noticias/100000982232/sp-29-dos-jovens-sofreram-bullying-em-2019-em-escolas-publicas.html	Pesquisa da faculdade de medicina da universidade de São Paulo revela que houve prevalência nos casos de <i>bullying</i> e violência entre adolescentes que declararam orientação não heterossexual.
UOL	Garoto gay autista se mata após ser alvo de <i>bullying</i> homofóbico	28 fev.2020	https://observatoriog.bol.UOL.com.br/noticias/garoto-gay-autista-se-mata-apos-ser-alvo-de-bullying-homofobico	Adolescente autista de 16 anos tira a própria vida após ser vítima de <i>bullying</i> por ser gay. Em mensagens com um rapaz que mantinha um relacionamento virtual, o jovem constata a violência sofrida na escola.
UOL	Menino de 9 anos que tem nanismo sofre <i>bullying</i> todos os dias na escola: “Eu quero morrer”	20 fev.2020	https://paisefilhos.UOL.com.br/crianca/menino-de-9-anos-que-tem-nanismo-sofre-bullying-todos-os-dias-na-escola-eu-quero-morrer/	“Eu só quero morrer... Eu quero que alguém me mate... Me dá uma faca” afirma criança de 9 anos após sofrer ataques em escola por ter nanismo.
Veja	O cyberbullying avança entre estudantes brasileiros na quarentena	12 ago.2020	https://veja.abril.com.br/educacao/o-cyberbullying-avanca-entre-estudantes-brasileiros-na-quarentena/	Com a ascensão das redes, o <i>bullying</i> ganha novas configurações: chamado de <i>cyberbullying</i> , a prática avança durante a pandemia. Segundo dados da ONU, um em cada três estudantes confessaram ser vítimas de <i>cyberbullying</i>

Veja	<i>Bullying</i> : uma a cada cinco crianças pensam em suicídio depois da agressão	02 set.2019	https://Veja.abril.com.br/saude/alerta-1-em-cada-5-criancas-pensa-em-suicidio-por-causa-do-bullying/	Levantamento realizado no Reino unido mostra que na faixa dos 11 a 16 anos, pelo menos 17% dos jovens e crianças vítimas de bullying cogitam a idéia de se matar para fugir de agressões. Além disso afirmaram que o problema causa ansiedade com impactos na perda de sono.
Veja	“Meu filho foi agredido porque tem <i>down</i> .”	30 ago.2019	https://Veja.abril.com.br/brasil/meu-filho-foi-agredido-porque-tem-down/	Nelson foi agredido por ter Down, a mãe do aluno inclusive recebeu vídeos onde o filho levava uma pancada na cabeça. Segundo relatos de uma colega de classe, o garoto ainda era constantemente humilhado por alunos da escola.

Fonte: Dados da pesquisa

“*Bully*” significa agressão, e o sufixo “*ing*” refere-se a uma ação contínua. De modo geral, o *bullying* designa atos de violência física, verbal ou psicológica, contínuos, repetitivos com perseguição dos agressores contra as vítimas que são constantemente expostas, ridicularizadas e intimidadas através de apelidos vexatórios e variados quadros de agressão. O *bullying* acontece em diversos locais, mas esse tipo de violência é mais comum no ambiente escolar. Fatores sociológicos e psicológicos indicam que pelo fato das crianças e adolescentes passarem a maior parte do tempo nas escolas, um espaço menor e isolado, os reflexos de uma sociedade violenta e excludente fazem criar um micro-organismo social, reproduzindo a sociedade na escola. As notícias do sexto quadro denunciam e refletem como os padrões e comportamentos ditados pela sociedade são vistos como normas, tendo grupos ou indivíduos dominantes que reafirmam esses padrões, estabelecendo uma regra que é a “normalidade” e impondo que tudo aquilo que fuja deste normal seja visto como inferior e vulnerável aos mais diversos atos violentos. As consequências do *bullying* são degradantes para a vida social e íntima da vítima, se vertendo ao isolamento social com a sensação de não pertencimento a um determinado grupo, queda na autoestima e múltiplos transtornos psíquicos como depressão, crises de ansiedade e síndrome do pânico.

Segundo Priotto e Boneti (2008), o *bullying* é considerado um ato de violência encontrado exclusivamente na escola, e se expressa através de atitudes com o intuito de ofender, ignorar, excluir, ferir e humilhar. O fenômeno tem cada vez mais se estendido fora do âmbito educacional e invadido a vida pessoal das vítimas através da internet.

O quarto tópico traz notícias que relatam não só os tipos de violências cometidos dentro da escola, como também os impactos que o *bullying* traz na vida de crianças e adolescentes. Além do mais, a influência do rápido desenvolvimento das tecnologias de informação, que a cada dia se tornam mais presentes na vida dos educandos, fazendo crescer o chamado *cyberbullying*, acentuando os níveis de violência até mesmo fora do espaço escolar.

Segundo Silva, Santos e Rodrigues (s.a.) a mídia, apesar de revelar casos de *bullying*

mostram que na maioria dos casos as vítimas são expostas e há a ausência de culpabilização dos praticantes. Mais ainda é saber que muitas vezes o agressor é um profissional da educação que deveria, ao invés de cometê-lo, combatê-lo.

Há, de acordo com os autores, um crescimento na cobertura midiática sobre o *bullying*, o que representa também um aumento de casos no cotidiano das escolas. Os desfechos apresentados em grande parte de reportagens são a revitimização do agredido, que fica estigmatizado perante o grupo social, gerando ainda mais sofrimento psíquico e causando graves alterações de comportamento.

A escola que nega a existência do *bullying* está sendo cúmplice de tais violências veladas ou não, cometidas no cotidiano dos discentes, o combate ao *bullying* pode ser manipulado através de prevenção e estratégias de intervenção. A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia) sugere conversar com os alunos escutando-os atentamente sobre as reclamações e sugestões, estimulá-los a denúncia dos casos, valorizar suas atitudes em combate às violências, criar regras que estimulem a disciplina na classe e interferir imediatamente nos grupos para quebrar a dinâmica.

As estratégias de intervenções podem estar presentes na capacitação de professores e toda a equipe pedagógica para que identifiquem e lidem com os conflitos. Com isso as vítimas estão amparadas diante das violências recebendo suportes necessários de enfrentamento.

Quadro 7. Categoria- Violência contra professores

Site	Título da reportagem	Data da notícia / reportagem	Link	Resumo da reportagem com ênfase na violação
UOL	A cada dia, ao menos dois professores são agredidos em escolas estaduais em SP	22 ago.2019	https://educacao.UOL.com.br/noticias/2019/08/22/a-cada-dia-ao-menos-2-professores-sao-agredidos-em-escolas-estaduais-em-sp.htm	Em 2018 foram registrados 434 ROEs (Registros de Ocorrência Escolar) referentes a violência física dentro da sala de aula. Em média, são 2,17 agressões físicas por dia letivo contra professores. Em 2019, ano da reportagem, foram registrados só nos meses de fevereiro e março 57 agressões a professores em sala de aula.
UOL	Policia aborba professora durante ocupação na E.E. Professor Lenio Vieira	17 dez.2019	https://noticias.UOL.com.br/videos/?id=policia-aborba-professora-durante-ocupacao-da-ee-professor-lenio-vieria-0402CD19396CCCB96326	Vídeo mostra professora sendo abordada e desrespeitada por um policial durante ocupação em uma escola.
Veja	Aluno ataca professor a facadas em escola municipal de São Paulo	19 set.2019	https://Veja.abril.com.br/brasil/aluno-ataca-professor-a-facadas-em-escola-municipal-de-sao-paulo/	Aluno do 9º ano ataca professor a facadas na unidade do CEU Aricanduva. Após atacar o professor, o adolescente teria desferido golpes de faca contra si mesmo.

O Globo	Metade dos docentes e um terço dos alunos dizem ter sofrido violência em escolas de SP	18 dez.2019	https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/metade-dos-docentes-um-terco-dos-alunos-dizem-ter-sofrido-violencia-em-escolas-de-sp-24146207	Pesquisa envolvendo 700 professores delata que 44% dos docentes já sofreram algum tipo de violência dentro da escola. As agressões verbais são as mais descritas pelos professores.
UOL	Professor agredido vai processar suspeito por tentativa de homicídio	21 nov.2019	https://www.UOL.com.br/universa/noticias/redacao/2019/11/21/professor-agredido-vai-processar-suspeito-por-tentativa-de-homicidio.htm	Professor da Unesp vai processar agressor após golpes de canivete e ser chamado de “macaco”. Para o professor Juarez Xavier, o fato evidencia “um longo caminho ainda a percorrer” pela sociedade no combate à discriminação racial.
UOL	Professor diz ter sido agredido por aluno de 13 anos em escola: “Pesadelo”	31 mai.2019	https://educacao.UOL.com.br/noticias/2019/05/31/professor-diz-ter-sido-agredido-por-aluno-em-escola-estadual-um-pesadelo.htm	Professor de história é agredido em escola da rede estadual de Cravinhos (SP) por aluno de 13 anos. De acordo com a vítima, outros alunos que presenciaram a cena incentivaram a ação com gritos e xingamentos.
UOL	Em SP, 54% dos professores dizem ser sido agredidos por, aponta pesquisa.	19 dez.2019	https://agora.folha.UOL.com.br/sao-paulo/2019/12/em-sp-54-dos-professores-dizem-ser-sido-agredidos-aponta-pesquisa.shtml	De acordo com uma pesquisa realizada com professores de escolas estaduais, mais da metade dos docentes ouvidos foi alvo de agressão. O grau de percepção de violência aos professores também cresceu, de 61% em 2017, passou para 71% até a data da reportagem.

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com dados de uma pesquisa feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)⁴ apresentada pelo SINPRO, o Brasil lidera o índice de violência contra professores e segundo levantamento feito pela Globo News em São Paulo, o número de agressões a professores cresceu 73% em 2018 em relação ao ano anterior. Já, dados de uma pesquisa feita pelo sindicato dos professores de São Paulo revelam que mais da metade dos docentes da rede estadual do ensino sofreram algum tipo de violência dentro do âmbito escolar. Defronte aos casos que se tornam cada vez mais expressivos no país, as reportagens abaixo apontam pesquisas e fatos que denunciam as frequentes violências que envolvem professores.

Lima et al.(2016) afirma que as superlotações das salas, avaliar o desempenho dos alunos e

4 Disponível em: [https://sinprogoias.org.br/brasil-lidera-ranking-de-violencia-contra-professores/#:~:text=O%20Brasil%20lidera%20o%20ranking,%20sobre%20aprendizagem%20\(Talis\).&text=Quando%20perguntados%20se%20j%C3%A1%20sofreram,professores%20brasileiros%20responderam%20que%20sim](https://sinprogoias.org.br/brasil-lidera-ranking-de-violencia-contra-professores/#:~:text=O%20Brasil%20lidera%20o%20ranking,%20sobre%20aprendizagem%20(Talis).&text=Quando%20perguntados%20se%20j%C3%A1%20sofreram,professores%20brasileiros%20responderam%20que%20sim).

o despreparo dos professores para atuarem em momentos de estresse em sala de aula, contribuem para a vulnerabilidade dos docentes. A violência pode levar a vítima ao desgaste emocional, estresse e descontentamento com sua atividade.

Esse quadro manifesta precariedade e vulnerabilidade dos educadores dentro do seu próprio ambiente do trabalho, tornando-se vítimas constantes de violência física, psicológica, verbal e moral. Além disso, algumas reportagens trazem pesquisas que evidenciam em porcentagens e pesquisas a alta taxa de violência dentro das salas de aulas com docentes como vítimas.

As violências têm ganhado expressividade e assumido diversas formas de expressão, no caso uma das principais vítimas são os professores, e diante de uma rotina de desvalorização, falta de suporte e jornadas exaustivas de trabalho, a violência que pode vir mesmo de maneira nociva, podem ser agravantes o suficiente para gerar sofrimentos e aprisionar as vítimas. É importante proporcionar um ambiente seguro para professores e alunos, através da comunicação aberta, observando as mudanças de comportamentos, favorecendo diálogos em torno do tema, promovendo debates importantes para a sensibilização de alunos, professores e toda a comunidade escolar e promover normas de convivência e empatia mobilizadas para o alcance de todos.

Essas interferências são pregadas aos diversos objetos de violências ocasionadas nas escolas, inclusive contra professores e equipe pedagógica. O agressor, nesses casos sendo a maioria alunos, precisará de muito apoio. É necessário considerar que para as crianças e adolescentes, a escola não é o primeiro espaço de convivência social, e que casos de violências evadem as escolas, estando presente no seu histórico de vida. Antes de se revelar como agressor, o aluno pode ter sido alvo de agressões nas formas de autoritarismo, abandono, falta de afeto ou violência física e psicológica. É preciso diagnosticar e investigar a raiz do problema, muitas das vezes a motivação vem do protagonismo nas demandas mais opressoras em sua jornada social e familiar.

Quadro 8. Categoria - Precariedade no ensino e evasão escolar

Site	Título da reportagem	Data da notícia / reportagem	Link	Resumo da reportagem com ênfase na violação
UOL	Mais de 20% das crianças estão matriculadas em escola sem saneamento	21 nov.2020	https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/11/21/mais-de-20-das-criancas-estao-matriculadas-em-escolas-sem-saneamento.htm	28% das crianças de 4 e 5 anos matriculadas na pré-escola estudam em estabelecimentos sem acesso a água filtrada, esgotamento sanitário e coleta de lixo. Nas creches, 21% das crianças até os 3 anos de idade não têm acesso ao serviço básico. Isso acaba acarretando em consequências na vida das crianças, causando impacto na saúde.

UOL	1,5 milhão de crianças sem creches e 11 milhões de analfabetos: os desafios urgentes para o Brasil 'passar de ano' na educação	09 ago.2020	https://noticias.UOL.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/08/09/15-milhao-de-criancas-sem-creches-e-11-milhoes-de-analfabetos-os-desafios-urgentes-para-o-brasil-passar-de-ano-na-educacao.htm	O Plano Nacional da Educação estabelece um conjunto de 20 metas na educação a ser alcançadas por todo o país. Segundo o INEP o alcance está em 76,22%, a Campanha Nacional Pelo Direito à Educação aponta o descumprimento quase total da lei. Diante do ritmo lento do governo Bolsonaro, o ministério da educação vive quase em paralisia.
UOL	Negros são 71,7% dos jovens que abandonam a escola no Brasil	15 jul.2020	https://www1.folha.UOL.com.br/educacao/2020/06/negros-sao-717-dos-jovens-que-abandonam-a-escola-no-brasil.shtml	Dos 10 milhões de brasileiros entre 14 e 29 anos que deixaram de frequentar a escola, 71,7% são pretos e pardos. A maioria afirma abandono escolar pela necessidade de trabalhar. Além disso, a faixa de analfabetismo é três vezes maior entre negros. Reflexo da desigualdade e racismo estrutural, o problema começa ainda no ensino fundamental.
UOL	O desafio de manter jovens no ensino médio, principal obstáculo à universalização do ensino.	20 jun.2019	https://noticias.UOL.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/06/20/o-desafio-de-manter-jovens-no-ensino-medio-principal-obstaculo-a-universalizacao-da-educacao.htm	Dados do IBGE dizem que 11,8% dos jovens entre 15 e 17 anos - o equivalente a 1,1 milhão de pessoas - estavam fora da escola em 2018, já na faixa de 6 a 14 anos, a presença é de 99,3%. No entanto, os dados do PNAD educação evidenciam melhora, como no nível do analfabetismo em queda de 7,2%. O Programa de 'busca ativa' tem demonstrado bons resultados para manter jovens na escola.

Fonte: Dados da pesquisa

Dificuldade de acesso, infraestrutura precária, despreparo de professores com baixa remuneração e a vulnerabilidade social são fatores que aprofundam a precariedade no ensino, deixando escancaradas as mazelas no ensino público brasileiro. Como apresentado nos noticiários abaixo, esses problemas sociais acarretam na evasão escolar de centenas de alunos, que abanam as escolas por inúmeros motivos, tendo no eixo do problema os aspectos políticos, sociais e econômicos.

Antes de falar sobre a precariedade no ensino, é preciso analisar diferentes vertentes para compreender o que ocasiona o problema. De acordo com Chizzotti e Casali (2020), a pobreza e as desigualdades são um dos principais problemas que acabam impactando a vida escolar de crianças e adolescentes de famílias mais pobres.

Nery (2009) destaca que a evasão escolar está intimamente relacionada à pobreza e que o trabalho infantil atrapalha no alcance de melhores níveis educacionais.

As desigualdades e a pobreza acentuam os baixos níveis de crianças e adolescentes fora da escola, além disso, os estabelecimentos demonstram uma grande precariedade na parte interna e externa. As deficiências na educação desveladas nos noticiários acima, afirmam por si próprio o reflexo das desigualdades na falta de garantia de um ensino de qualidade para crianças e adolescentes mais pobres.

Muitas vezes a evasão escolar de um aluno não está atrelada dentro de um único problema, como professores, é preciso compreender as barreiras que corroboram no desenvolvimento de um diálogo construtivo, fugindo do caráter dogmático de disciplinamento, criando possibilidades para o desenvolvimento de talentos, a construção de um futuro e a formação de um cidadão crítico e protagonista na sociedade. Mapear pontos fracos da escola, refletir e reavaliar as propostas e métodos pedagógicos, empregar a tecnologia dentro das propostas de ensino, investir na sua capacitação, evitar punições e promover projetos indisciplinados podem ser atitudes cúmplices na aproximação dos alunos à escola. É necessário reunir esforços para encontrar ações que estimulem os discentes na permanência de sua vida escolar, no entanto, para o encontro da solução, as intervenções devem acontecer de maneira conjunta aos pais e responsáveis dos alunos.

Quadro 9. Categoria- Intolerância religiosa na escola e na educação

Site	Título da reportagem	Data da notícia / reportagem	Link	Resumo da reportagem com ênfase na violação
UOL	Bomba em escola Paquistanesa deixa 7 mortos e mais de 80 feridos	27.out.2019	https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/10/bomba-em-escola-paquistanesa-deixa-7-mortos-e-mais-de-80-feridos.shtml	O ataque ocorreu durante um sermão na escola dedicada aos estudos de árabe e do Corão. Embora a violência tenha diminuído no país, houve um aumento nas hostilidades.
UOL	Brasil apoia na OEA proposta que autoriza pais a impor a educação religiosa ou moral aos filhos	21.out.2019	https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/10/brasil-apoia-na-oea-proposta-que-autoriza-a-pais-impor-educacao-religiosa-ou-moral-a-filhos.shtml	A Organização dos Estados Americanos apresentou uma proposta que autoriza a autonomia de pais impor educação religiosa ou moral para seus filhos. O texto divulgado abre portas para que pais adotem o ensino domiciliar e impeça crianças de aprender conteúdos como a teoria da evolução.

Fonte: Dados da pesquisa.

A intolerância religiosa é uma realidade que assola diversas comunidades em todo o mundo, atrelada ao racismo, a intolerância religiosa no Brasil acontece em sua maior escala contra religiões de matriz africana. O artigo 5º da Constituição Federal de 1988 garante que o Brasil é um país laico, assegurando a igualdade religiosa. No entanto, as predisposições estabelecidas pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, são desrespeitadas, e os noticiários abaixo desvelam como essa violência se desdobra no ambiente escolar.

Antes de reconhecer a presença da intolerância religiosa dentro das escolas, é preciso compreender a raiz do problema, tão latente na sociedade. De acordo com Simões e Salaroli (2017) ela se manifesta “em qualquer lugar ou classe social, a intolerância não obstante torna-se uma perseguição de extrema gravidade e costuma ser caracterizada pela ofensa, discriminação e ações que afrontam o indivíduo que têm em comum certas crenças”.

A manifestação da intolerância religiosa dentro do ambiente escolar se caracteriza através de perseguição a um indivíduo, um grupo ou a toda uma comunidade. Nos noticiários acima se desvelam a perseguição terrorista, além da imposição do ensino religioso seguindo o preceito de inserir no currículo escolar bases ideológicas que vão contra a diversidade religiosa e cultural presente no âmbito educacional, colocando em risco a autonomia dos alunos, invalidando seu livre desenvolvimento pessoal, assegurando aos pais uma tarefa que é da escola e impedindo a perpetuação do conhecimento científico e crítico.

Em 2017 o Supremo Tribunal Federal julgou como inconstitucional a oferta de ensino religioso em escolas públicas do país na modalidade confessional. O Brasil tem mostrado uma longínqua marca de intolerância religiosa, como mostra algumas das reportagens, a escola é um dos focos centrais para disseminar o preconceito e materializar a discriminação com base na religião (INSTITUTO UNIBANCO, 2017).

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar de 2015, humilhações por questão religiosa é quarto motivo de *bullying* e intolerância. Cerca de 4% dos estudantes de 13 a 17 anos disseram ter sido vítima dessa violência (INSTITUTO UNIBANCO, 2017). Embora o relatório não cite quais religiões, fica claro por meio da busca por reportagens que há íntima relação entre intolerância religiosa e racismo. Mas, não é preciso citar diretamente uma determinação para atacá-la. As omissões, invisibilidade ou ainda o cerceamento são violações de direitos humanos, assim como, a valorização de um determinado campo religioso em detrimento de outras minimiza o rol da diversidade e diferenças encontrado no país. Um exemplo é a retração das religiões citadas em livros didáticos - 65% são católicas e evangélicas, 12% orientais, 8% islâmicas, 7% judaicas, 3% espíritas, 3% afro-brasileiras e 2% indígenas.

Outra forma comum de violação de Direitos Humanos no campo da religiosidade é a orientação para realizar determinadas orações no ambiente escolar, músicas de cunho religioso, o direcionamento de pesquisas e trabalhos escolares para uma outra, bem como, o cerceamento de determinadas religiões (INSTITUTO UNIBANCO, 2017).

Mesmo com um país religiosamente diverso, a escola, lugar onde deveria ser valorizado conforme as leis, a pluralidade cultural e o mais, violento e o que mais viola os Direitos Humanos no quesito intolerância religiosa.

As religiões são uma das principais causas de *bullying* nas escolas e os livros didáticos privilegiam a educação religiosa cristã. A questão é de grande relevância, dado o contexto afeta

o bem-estar e aprendizados do aluno. O ensino religioso oferecido não atende o combate à intolerância religiosa nas escolas, ignorando as diversidades religiosas e o pluralismo cultural presente na sociedade brasileira. Diante das afirmativas opressoras que se fazem presentes nas escolas, é fundamental combater a intolerância religiosa e promover a valorização da diversidade.

Ao entender que as religiões são manifestações culturais legítimas, os estudantes podem aprender a conviver com essas diferenças e respeitar a diversidade. O diálogo pode ser uma ferramenta eficaz advinda de uma gestão comprometida com a equidade na promoção de atividades e projetos culturais através da reflexão coletiva. O ensino religioso precisa acontecer de forma transversal às diversas disciplinas integrando as aulas sobre História e Cultura Afro-brasileira e Africana, conteúdo obrigatório previsto na Lei Federal 10.639, em 2003.

6 A agenda da mídia em questão de violação de Direitos Humanos

Alguns pontos sobre a marcação da Agenda-setting a respeito das violações de Direitos Humanos na escola.

- 1) Embora a mídia apresente notícias sobre os temas, não menciona os fatos como violação de direitos e da dignidade humana ou ainda como direitos humanos. Isso dificulta a construção da ideia de Direitos Humanos como inerente à vida e presente no cotidiano, além de manter ativa a ideia equivocada de que os Direitos Humanos estão voltados à população carcerária, por isso pautar os termos 'direitos humanos', 'dignidade humana' e 'violação de direitos' é fundamental para a construção de uma representação de Direitos Humanos na sociedade.
- 2) A maior parte das notícias não apresentou um desfecho, ou seja, apresentam os fatos e ocorrências, no entanto não retornam para informar os leitores os encaminhamentos. Esse dado é preocupante, pois faz com essa omissão, naturalize a ideia de impunidade.
- 3) Nas notícias que não tiveram desfecho, grande parte trata-se de violência contra professores. Isso pode enredar um dado perigoso sobre a docência como sacerdócio. A ideia de que faz parte do educar sofrer violência por parte dos alunos e em seu ambiente de trabalho.
- 4) Dez notícias tem relação com o neoconservadorismo político crescente a partir de 2017. A agenda conservadora cresceu na pauta da educação a partir das discussões sobre a falácia do termo 'ideologia de gênero' pelo fracassado Projeto Escola Sem Partido no Plano Nacional de Educação. Entre outros movimentos emergentes obscurantistas que ganharam voz na agenda midiática, a eleição de políticos conservadores passou a exigir a naturalização de violências como a misoginia e a LGBTTQIAfobia. O crescimento e avanço dessa pauta nas mídias alavancaram profundas discussões e debates em redes sociais e tornou-se rapidamente uma pauta popular, mesmo que na maioria das vezes marcadas por fakenews, como o caso do kit gay, da associação entre educação em sexualidade com pedofilia e outras ideias discrepantes.

7 Considerações finais

Este trabalho teve como premissa desvelar os tipos de violações dos Direitos Humanos

tratados pela mídia, sua abordagem e como se expressavam essas violências dentro das escolas, tendo como objetivo conhecer paralelamente a linguagem na qual são noticiados.

Pesquisar a cobertura midiática sobre violações dos Direitos Humanos na escola foi uma ferramenta importante para identificarmos como a mídia pode influenciar na fundamentação da opinião pública, principalmente no ambiente escolar onde tudo se polariza, sobretudo, os diversos tipos de violência. Os dados expressivos e as mediações pedagógicas diante dos casos apresentados servem de alerta não apenas aos professores, mas também a comunidade escolar, que deve estar defronte às problemáticas das escolas, mediando seu desempenho como instituição à frente da sociedade e principalmente na vida escolar dos alunos e profissionais que formam uma parcela de vítimas das demandas opressivas nas salas de aula.

Para isso, construiu-se sete categorias mencionadas por temas, enfatizando o tipo de violação a ser mencionada a partir dos 43 noticiários coletados; ponderando o aspecto da educação midiática como auxílio no aprendizado das pessoas dentro de uma visão presente nos modos de saber, viver, sentir e ser. Através dessa constatação é possível compreender como a mídia atua como agente importante no dia a dia das pessoas, e a escola tem papel fundamental de trabalhá-las a fim de respaldar sua importância para verificabilidade dos fatos e utilizá-las como alerta nas constatações de violações dos Direitos Humanos presente nesse âmbito. Sendo assim, tornando a mídia uma ferramenta importante para compreender as vivências das violências mencionadas nesta pesquisa, dentre outras; utilizando-as como subsídio para diversas discussões acerca das categorias e suas representações na sociedade.

Ao longo da pesquisa procurou-se responder quais os tipos de violação dos Direitos Humanos nas escolas, como são noticiados e como essa ferramenta pode ser aplicada na formação do saber em sala de aula.

Conclui-se que através dos veículos de comunicação muitas violações ganham destaque, no entanto algumas categorias com maiores evidências que outras, o que gera uma falha na comunicação invisibilizando pautas de extrema importância para a admissão e compreensão das demandas opressivas que ocorrem em sala de aula. Ressalta-se que a mídia pode ser um instrumento de constatação aos fatos ocorridos no ambiente escolar e que certas violações ainda não são ponderadas neste espaço, acontecendo muita invisibilidade das violências. As notícias analisadas trazem uma linguagem que dialoga com a sociedade e demonstra a proeminência dos fatos, podendo ser utilizadas como ferramentas pedagógicas na formação de gestores, professores e alunos, dando visibilidade não apenas a notícia, mas também destacando e conscientizando o ocorrido dentro do espaço em questão.

Assim, as contribuições dessa pesquisa estão ligadas em três pontos muito importantes, tais como: Desvelar e caracterizar como a mídia pauta as violências expressadas nas escolas, como ela pode ser uma influência direta na formação de professores, alunos e toda a comunidade escolar acerca das violências, dar uma demonstração real através da verificabilidade dos fatos constatados pelas mídias e como essa ferramenta pode servir de subsídio para denunciar, educar e conscientizar sobre as demandas opressivas recorrentes nas escolas.

Agradecimentos

Financiamento PIBIC – UNG-SER - 2021

Referências

- ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKE, José (Orgs.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.
- ANDI. *Mídia e Direitos Humanos*. UNESCO, 2006.
- BABIUK, Graciele Alves; FACHINI, Flávia Granzoto; SANTOS, Gabriel Nappi. Violência de gênero nas escolas: implicações e estratégias de enfrentamento. XI Congresso Nacional de Educação – *EDUCERE*, 2013.
- BARDIN, Laurence. Análise de Comunicação de Massa: o horóscopo de uma revista. In: BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Trad. Luiz Antonio Reto/Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições70, 2016.
- BARROS FILHO, Clóvis. Agenda-setting e educação. *Comunicação e Educação*, São Paulo, (5), p. 27-33, jan/abr. 1996. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36219/38939>>. Acesso em: 19 fev. 2020.
- BRANDI, Daniel. Evolução dos estudos de agendamento: uma explicação sobre a influência da mídia na opinião pública. *Intercom*. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Fortaleza, Ceará, 2017. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0399-2.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2020.
- BELL, Hooks. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fintes, 2017.
- BOND, Letycia. *Cobertura da mídia sobre feminicídio é inapropriada, mostra relatório*. Agência Brasil, 2019.
- CANDAU, Vera Maria. Direitos Humanos, violência e cotidiano. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Reinventar a escola*. 3ª. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.
- CASTRO, Davi de. Agenda-setting: hipótese ou teoria? Análise da trajetória do modelo de agendamento ancorada em conceito de Lakatos. *Intertexto*, Porto Alegre, UFRGS, n.31, p.197-214, dez. 2014. Disponível em:< <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/46390>>. Acesso em: 19 fev. 2020.
- CASTRO, Alex. *Outrofobia: textos militantes*. São Paulo: Publisher Brasil, 2015.
- CAVALLEIRO, E. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor; In: CAVALLEIRO E. (org) . *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.
- CHICARINO, Tathiana (Org.). *Educação em Direitos Humanos*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2016.
- CHIZOTTI, Antonio; CASALI, Alípio. Desigualdade, Pobreza e Diferença: Precariedade na Vida Escolar. *Educação e Filosofia*, Uberlândia. v.34, n.70, p.193-222, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/49541/31027>. Acesso em: 05 mai. 2021.

CRUZ, Fabio Souza da. Mídia e Direitos Humanos: tensionamentos e problematizações em tempos de globalização neoliberal. *R. Katál*, Florianópolis, v.14, n.2, jul./dez, p. 182-190, 2011.

CUNHA, Luiz Antonio. *O projeto reacionário de educação*. Disponível em: < <http://luizantoniocunha.pro.br/uploads/independente/1-EduReacionaria.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

EDGAR, Andrew; SEDWICK, Peter (Orgs.). *Teoria Cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo*. Trad. Marcelo Rollemberg. São Paulo: Contexto, 2003.

GASPAR DE MATOS, Margarida; PEDROSO GONÇALVES, Sónia M. Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. *Psicologia, Saúde e Doenças*, v. 10, n.1, p.3-15, 2009.. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36219059001>. Acesso em: 03 mai. 2021.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip. *Conceitos essenciais da sociologia*. 2ª. ed. Trad. Claudia Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

INSTITUTO UNIBANCO. Por que estimular a tolerância religiosa no ambiente escolar. *Aprendizagem em foco*, n.33, ago, 2017.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 9, n. 3, p. 401-411, Dec. 2004.

LIMA, Patrícia Viana Carvalhedo et al. Prevalência e fatores associados à violência contra professores em escolas do ensino médio em Teresina, Piauí, 2016: estudo transversal. *Epidemiologia e Serviços de Saúde [online]*. v. 29, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000100022>>. Acesso em: 03 mai. 2021.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. *Diferentes não, desiguais: a questão de gênero na escola*. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

MAIA, Benjamin Perez; COSTA, Margarete Terezinha de Andrade. *Os desafios e superações na construção coletiva dos Projetos Político-Pedagógico*. Curitiba: Intersaberes, 2013.

MARTINS, J. G. B. A. ; DUQUE, A. N. F. ; NASCIMENTO, J. F. ; MARTINS, M. G. B. A.; ARAGAO, J. A. ; SOUSA, E. A. . Enfrentamentos ao bullying homofóbico na escola: convite para uma reflexão. *Temporalidades*, v. 12, p. 681-701, 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. *Nota técnica n. 11/2017/PFDC/MPF Assunto: Liberdade de expressão artística em face da proteção de crianças e adolescentes*. Disponível em:< <http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/temas-de-atuacao/direitos-sexuais-e-reprodutivos/nota-tecnica-liberdade-artistica-e-protecao-de-criancas-e-adolescentes>>. Acesso em 15 fev. 2020.

MORAES, Silvia Piedade de. Atentado à democratização da educação: A falácia do projeto escola sem partido. *Revista Educação UNG/SER*, 13(1), 162-177, 2018. Disponível em: < <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/3373/2496>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

MORAES, Silvia Piedade de. Vozes silenciadas: a questão LGBTTQI, a teoria Queer e a democratização da educação. In: DICKMANN, Ivanio (Org.). *Vozes da Educação* [vol. III]. São Paulo: Dialogar, 2018.

- MORAES, Fabiana. A subjetivação como uma proposta de decolonização do jornalismo brasileiro. In: MAIA, Marta; PASSOS, Mateus Yuri (Orgs.). *Narrativas midiáticas contemporâneas: epistemologias dissidentes*. Col. Acadêmica. Santa Cruz do Sul: Editora Catarse, 2020. E-book.
- NERI, Marcelo. *Motivos da evasão escolar*. [s.a] Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/1166/1789.pdf?seq>. Acesso em: 03 mai. 2021.
- PALMA PRIOTTO, Elis; WESSLER BONETI, Lindomar. Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola. *Revista Diálogo Educacional*, vol. 9, no. 26, 2009, p.161-179. Disponível em: Redalyc, <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189115658012>. Acesso em: 03 mai. 2021.
- PERLINGEIRO, Ricardo; DIAZ, Ivonne; LIANI, Milena. Princípios sobre o direito de acesso à informação oficial na América Latina. *Rev. Investig. Const.*, Curitiba , v. 3, n. 2, p. 143-197, Aug. 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-56392016000200143&lng=en&nrm=iso>. access on 05 Apr. 2021.
- ROSSATO, Cesar; GESSER, Veronica. A experiência da branquitude diante dos conflitos raciais: estudos e realidades brasileiras e estadunidenses. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.) *Racismo e anti-racismo na escola: repensando a educação*. 3 ed. São Paulo: Edições Selo Negro, 2001.
- SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SILVA, Wilson Honório. *O mito da democracia racial: um debate marxista sobre raça, classe e identidade*. São Paulo: Editora Sudermann, 2016.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. Prefácio ou notícias de uma guerra particular: os ataques neopentecostais às religiões afro-brasileiras e aos símbolos da herança africana. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2019.
- SILVA, Jackeline Rodrigues da; SANTOS, Vilmar Lemos dos; RODRIGUES, Renata Vilela. *O discurso sobre o bullying na mídia e os impactos no desenvolvimento infantil*. Disponível em: <https://www.repositoriodigital.univag.com.br>. Acesso em: 03 mai. 2021.
- SIMÕES, Anélia dos Santos Marvila; SALAROLI, Tatiane Pereira. O retrato da intolerância religiosa no Brasil e os meios de combatê-la. *Revista Unitas*, v.5, n.2 (n. especial), 2017.
- VALE, Rosiney Aparecida Lopes da; SANTOS, Gabriel Gustavo dos. Racismo na educação escolar: discursos que ferem. *Revista Educação em Questão*, Natal, v.57, n.54, out./dez., p.1-23, 2019.
- VELOSO, Sainy C. B. Mídia-escola: ação e resposta ao mundo globalizado em que vivemos. *Revista da UniCeub*. Disponível em: <https://publicacoes.uniceub.br/face/article/download/49/100>. Acesso em: 03 mai. 2021.